

**Como compreender os portugueses?**  
**A compreensibilidade das linguagens do português**

**Gunther Hammermüller**  
**Kiel**

O fato que se come geralmente bem em Portugal poderia fornecer aos *consumidores lingüísticos* do Português de Língua Estrangeira que somos, um *calembour* relativamente barato: os portugueses começaram já a comer as próprias vogais nas palavras da língua deles.

Isto faria com piada alusão ao fato notório do enfraquecimento crescente das vogais não acentuadas nas palavras ou sintagmas minimais do português, sobretudo do português europeu (PE).

É fato impressionante – pelo menos para pessoas com línguas maternas bem diferentes – como uma acumulação de numerosas consoantes (sibilantes e outras) pode reencontrar-se entre um conjunto mínimo de vogais tônicas: um sintagma como *(ele) DISSE QUE SE SE LHE REPETISSE* (etc.) <sup>[1]</sup> dá por vezes só um audível [eldiskssλrptis], isto é, CVCCCCCCCCVC, uma acumulação de *oito* consoantes entre duas vogais acentuadas!

**Impulso temático**

O pontapé de saída mais atual para estas modestas reflexões de um *consumidor lingual e lingüístico* do português (com vista a aprofundar as minhas idéias e tomar parte talvez em uma discussão mais generalizada) deu-me como por acaso em uma emissão da Rádio-Televisão Portuguesa Internacional (RTPi).

Tratava-se de um tipo de mesa não redonda mas bem pedagógica no âmbito da colaboração da *Universidade Aberta* (Lisboa) com a RTPi. <sup>[2]</sup> A emissão chamava-se, se bem me lembro, *Caminhos do Português*. Ana Maria Martins falou com a nossa prezada colega e especialista em lingüística portuguesa Maria Helena Mira Mateus (Lisboa) e o nosso estimado

presidente da A.I.L., Carlos Reis. [3] Eles discutiram, entre outros assuntos, a questão da *dificuldade* da língua portuguesa, especialmente quanto à compreensibilidade oral.

### **Será o português uma língua particularmente difícil para estrangeiros?**

O PE, mas também o português do Brasil (PB) e aquele falado na África é ainda uma língua com relativamente pouca diferenciação interna (sobretudo diatópica) em comparação com outras línguas. O português tem na Europa, como no Brasil e em África, um caráter relativamente homogêneo. A lingüística costuma por isso falar antes de *falares* do que de *dialetos* do português.

[4]

Hoje em dia, os meios eletrônicos modernos contribuem bem à coerência dos *continentes* de língua portuguesa: conhecemos todos a influência das prestigiosas telenovelas e de outras emissões televisivas. [5]

Mas mesmo assim o PE parece tornar-se uma língua cada vez mais difícil de compreender, sobretudo por estrangeiros que fazem esforços de *entrar* nesta língua mundial.

Será isto então algo mais do que uma conclusão um tanto ingênua de estudantes de PLE? Ouve-se muito falar da impressão que se conseguiria antes exprimir algo mais ou menos bem formulado em português do que entender a reação verbal comprimida pela articulação dos interlocutores portugueses.

Tirando deste assunto a parte impressionista e pré-científica, a observação em si de uma certa *compressão fonemática* parece não refletir mais do que uma mudança normal de hábitos articulatórios humanos. Seria algo como o *curso natural* que se produz no desenvolvimento de todas as línguas. Todas estão bem submetidas ao chamado *Câmbio Lingüístico* (que na verdade só é um *Câmbio Lingual* – para traduzir o termo alemão de *Sprachwandel* – e não algo na mente ou na metodologia de lingüistas) como desenvolvimento da língua da respectiva comunidade comunicativa. [6]

A lingüística teórica e aplicada teria que eventualmente abordar melhor e aprofundar esta problemática da compreensibilidade do português falado. Esta compreensibilidade parece diminuir com o desenvolvimento histórico *normal* (mais portanto no PE do que no PB),

contrastando cada vez mais com o português escrito. Este é mais tradicional do que o PB escrito. As reações grafemáticas deste já tomaram conta do desenvolvimento fonemático. Vejamos a longa discussão da reforma ortográfica. [7]

Para o domínio do PLE esses fatores deveriam ser tomados em conta. E, para opôr-se às dificuldades perceptivas surgiria como tarefa importante no domínio didático de incentivar a competência receptiva dos estudantes de português. Teríamos, por exemplo, que praticar deliberadamente a compreensão oral com exercícios idôneos.

### **Estará a dificuldade do português presente também na mente dos luso-falantes?**

Também muitos luso-falantes acham o português uma língua difícil. Isto pode ouvir-se de interlocutores que, aliás, admiram os esforços que fazem estrangeiros a aprender o português. [8]

Pergunto-me se uma das dificuldades que se nota com respeito ao português não se apresenta exatamente a partir da impressão que os portugueses têm das diferenças entre a expressão oral e a grafia literal do português que se aprende na escola.

Uma discussão sobre isto mostraria – sem entrarmos em pormenores – o quanto a estabilidade da língua escrita é importante. A língua escrita parece servir também de elo magistral entre os países que optam pela política do português como *língua comum e internacional*.

A problemática da estabilidade da língua naturalmente não é estranha a outras línguas! – Pode-se fazer aqui referência ao caso do francês com a instituição de uma comunidade política chamada *Francophonie*. [9]

Nesse âmbito de contrastes e oposições entre a expressão fonemática e gráfica poderia-se também chamar a atenção à problemática das capacidades de leitura que se exigem dos falantes da língua materna portuguesa (PLM).

É que os utentes dos países lusófonos devem encontrar-se confrontados na discussão pública com as mesmas observações críticas que se fazem em outros países com tradições literárias: a leitura (de livros e outros textos) sofre hoje em dia de uma baixa preocupante de consumo por assim dizer.

Na era da comunicação eletrônica estamos possivelmente vivendo uma "época limiar" para a importância da *palavra escrita* no mundo inteiro.

Poderia esta ser uma época de transição decisiva também para a sobrevivência do português ao nível internacional ou supra-nacional. Seria então cabalmente necessário cuidar deste "fundo" estabilizador que apresenta o português escrito para a existência da língua.

De modo nenhum poderíamos resignar-nos com a idéia de que só o inglês do "www" possa sobreviver mundialmente como (a última) língua escrita – mesmo se quase só se pratica de fato no mundo moderno da *Internet*.

### **Quais as dificuldades mais concretas da língua portuguesa?**

Mesmo se parece existir um menor grau de dificuldade para o PLE na variante brasileira (sobretudo no que diz respeito às realizações de diferenças fonéticas), o PB ainda fica uma língua difícil. [\[10\]](#)

Ressaltam as dificuldades criadas no PLE pelo elevado número de vogais com graus de abertura diferentes e com pronúncia diferente dependendo da posição acentuada ou não acentuada. Ressaltam vogais simples e ditongos nasais em elevado número. Ressalta – como em francês – a dificuldade sintagmática de *mots-phonétiques* pela *liaison* entre as palavras de um grupo sintático, etc. [\[11\]](#)

Numa perspectiva didática, a noção *difficile* qualificaria talvez antes as possibilidades de analisar a língua com vista à transposição para um sistema didático ou metodológico do ensino.

Contudo, observamos o otimismo dos esforços didáticos, por exemplo, na Europa, e não só em Portugal: a grande escolha de manuais do português só na Alemanha daria-nos antes um sinal que deve haver possibilidades mais ou menos efetivas de ensinar e aprender o português agora e ainda mais no futuro.

Neste caminho a lingüística aplicada terá que aprofundar os seus esforços para facilitar o trabalho no *combate* às seguintes dificuldades:

– as vogais não acentuadas (isto é, em sílabas não acentuadas), que se encontram melhor conservadas no PB;

– a supressão constante da vogal átona [ʏ], que no PE falado conduz facilmente a três ou mais consoantes seguidas (na superfície) como em *telefone, despegar, despregar, desprestigiar*;  
[12]

– outro aspecto marcante do português seria a *harmonia vocálica* dos verbos, vejam as oposições morfológicas entre *devo* e *deves*, *como* e *comes*, [...] *durmo* e *dormes*, *firo* e *feres*;  
[13]

– a prevalência de sibilantes que entre outros podem gerar dificuldades especiais, por exemplo, ao telefone clássico por causa da confusão de [s] (como em *sesta*) com [ʃ] (como em *fešta*), etc;

– a já aludida problemática que diz respeito à manifestação de limites de palavras ou unidades lexicais e sintagmáticas, estruturadas por vogais tônicas ou acentos em que se perdem as vogais não acentuadas, sobretudo em condições de pronúncia rápida, quer dizer no "modo da fala rápida" (al. *Schnellsprechformen*). Contrastando com isto, há quase sempre a escolha do "modo da fala lenta" (e as formas respectivas mais bem articuladas, al. *Langsamsprechformen*) que parecem orientar-se na língua escrita. Na realidade histórica da língua trata-se de fixações que *historicamente* provêm de interpretações grafemáticas à base de convenções orais anteriores;

– neste mesmo âmbito temático teríamos a *memória lingual* fixada em imagens da escrita: não teríamos que considerar as línguas escritas com letras também como sistemas pictográficos? É de notar que uma ortografia (pelo menos em parte) etimológica também pode garantir a transparência contínua de combinações e derivações dentro do vocabulário do português.

Que outras dificuldades metodológicas quanto à aprendizagem do português teríamos ainda que enfrentar?

Aqui teríamos talvez que estabelecer listas empíricas para as diversas situações do ensino. Sabemos que aqueles que aprendem línguas estrangeiras – e sempre à base de *línguas de partida* diferentes – têm muitas vezes um treino didático não igual. Eles encontrarão por isso uma vez mais, outra vez menos facilidades a internalizar o léxico, a morfologia, a sintaxe, a fonética, a entoação, a pragmática da língua-meta e a produção de textos, nada de novo para todos nós.

Temos primeiramente a experiência pessoal própria e conhecemos depois também os resultados das investigações especializadas da lingüística aplicada.

Felizmente ainda é humano aprender – se necessário – várias línguas de maneira sucessiva ou simultânea e de manuseá-las mais ou menos perfeitamente no uso normal cotidiano ou específico da especialidade profissional.

Isto é nos indicado pela situação de utentes no mundo inteiro, talvez mais nitidamente em muitas partes da África, onde a língua principal não é necessariamente *materna* ou *paterna*. [14]

### **O português como língua dentro de um conceito de *política externa***

O português pode parecer difícil no que diz respeito a uma falta de imposição ou realização política, por falta de prestígio. Isso será possivelmente um pressentimento de certos falantes que concedem por várias razões mais prestígio a outras línguas.

Podem ter um papel decisivo razões complexas: razões estatísticas e ideológicas como o desejo da elevação do prestígio da própria língua – visada pela suposição do elevado grau de complexidade da própria língua materna em comparação com outras, por exemplo, o inglês.

Admira-se o prestígio da língua inglesa talvez por causa da originalidade tecnológica dos Estados Unidos (e talvez de outros países que se apresentam – sobretudo na Europa – em inglês, como por exemplo, o Japão) e das possibilidades econômicas de intervenção. Assim apresenta-se paralelamente a impressão provavelmente menos justificável da simplicidade do inglês.

E o inglês é julgado, muitas vezes, como sendo tão fácil, sem diferenciar entre as variedades escritas e faladas. Nesse aspecto o inglês nem pode ser considerado *tão fácil* se temos em conta em que medida o inglês é falado de maneiras tão diferentes através o mundo.

A pergunta se o português é mais *difícil* do que, por exemplo, o inglês, não encontrará de certeza uma resposta absoluta, ao máximo uma resposta relativa, porque seria difícil estabelecer critérios para o português no que diz respeito a essa dificuldade. E sempre se deve, aliás, perguntar *difícil para quem?* – quer dizer difícil para falantes de que língua de partida?

Aqui estaríamos antes perante a discussão política se as comunidades de comunicação não deviam servir-se melhor do inglês como língua estrangeira principal ou talvez única língua internacional.

Sem entrar agora em pormenores deveríamos ao menos perguntar como é que aquelas comunidades culturais poderiam apresentar de maneira exata e suficiente o grande leque de *diferenças* que há entre uma e outra. Trataria-se em parte da discussão filosófica sobre o tema da identidade ou da não-identidade de indivíduos e de grupos culturais.

Uma língua no sentido tradicional de uma *língua nacional* ou também como meio interno ou externo de comunicação de uma união política como a querem constituir os países de expressão portuguesa (PALOP) define-se em primeiro lugar de maneira política. <sup>[15]</sup> A escolha de uma língua como diassistema histórico, mais a codificação e a adaptação dela, podem ser sujeitas ao planeamento didático e devem ser propagadas deliberadamente por instituições sociopolíticas como as escolas nacionais, o Instituto Camões e outras.

Assim, seria de fato graças a uma vontade política própria que o português como diassistema lingual continuaria a ser uma verdadeira língua internacional, isto é um meio de comunicação aceitável para os seus 200 milhões de falantes no mundo inteiro. <sup>[16]</sup>

Neste âmbito, de um ponto de vista propriamente político e lingüístico a unidade ortográfica terá um papel importante. É que a língua escrita pode e deve sempre servir de elo pertinente para estabilizar e conservar a existência e a coerência da lusofonia espalhada por quatro continentes. <sup>[17]</sup>

A notória tolerância brasileira nas questões da gramática (posição dos pronomes de objeto, por exemplo) e sobretudo da pragmática (convenções de tratamento, por exemplo) poderia talvez servir de diretriz para o futuro da língua comum. Deverá haver possíveis margens de tolerância para estabelecer normas escolares a praticar no ensino da língua *escrita* dentro daquilo que então poderia chamar-se *português mundial*. <sup>[18]</sup>

**Resumindo o estado atual com "visões" para o futuro**

Na análise lingüística como instância científica de avaliação das estruturas da língua, o português parece-nos ser uma língua tão complexa como outras línguas da atualidade. Ela tem especificidades formais que podem dificultar a compreensão por parte de estudantes com línguas maternas (ou "principais") de estruturas um tanto diferentes: dificuldades fonemáticas como a diminuição das sílabas não acentuadas e uma certa preeminência de um leque de sibilantes, mas também gramaticais e lexicológicas. Nisso o português mundial não é de modo nenhum caso único. Estes e outros "problemas" surgem sempre que se discute a problemática de uma língua no domínio do ensino ou da propagação política.

Especialmente no PLE terão o seu lugar as formas de *fala lenta* e da articulação controlada, as quais, claro, também têm a sua razão de ser nos ditados, na retórica e em outros exercícios apropriados ao ensino da língua materna ou principal.

Uma pequena ilustração quase anedótica, mas talvez não menos pertinente, tirada da vida diária em Portugal destes fenômenos, servirá de exemplo para essa coexistência: a realização fonética daquilo que se escreve *com licença* seria [k°lis—sʎ] – mas só em *linguagem lenta* – e reduz-se facilmente ao mínimo de duas sibilantes em *linguagem rápida*: para obter um espaço de passagem por exemplo, em um meio de transporte público, basta enunciar um ss–ss [s pausa s] para obter o desejado – claro só em condições de um convencionalismo que se diz de delicadeza *normal* ou tradicional.

A possível vontade política de reforçar o valor internacional do português depende, além dos interesses econômicos implicados, também da insistência dos governos e das instituições dos países que se compreendem como membros dessa comunidade de língua [al. *Sprachgemeinschaft*]. E ela tem espalhado pelo mundo milhares de embaixadores como os migrantes portugueses e africanos, por exemplo.

A participação do português conduz necessariamente a um enriquecimento *mundial* no sentido de conservar e espalhar uma tradição civilizatória e cultural específica. A concorrência dela com outros idiomas teria possivelmente conseqüências políticas – das quais deveriam tomar conta as respectivas instituições.

Contudo, a diversidade de línguas do mundo moderno tem outras implicações: o contraste

[19]  
de conceitos cognitivos expressos pelas línguas.

O aproveitamento desses contrastes conceituais ajudaria na visão crítica do mundo e das sociedades – fornecendo hipóteses para uma discussão contínua de conceitos sociopolíticos, filosóficos, científicos, metafísicos, etc.

Será então que se torna “necessária uma modernização da língua para o novo século e o novo milênio, como forma de responder aos novos desafios e a fim de melhor resistir a fatores centrífugos”? Cito esta avaliação feita pelo colega Luciano Caetano de Rosa de Mogúncia (Mainz/Alemanha) no último número da revista *Lusorama*, órgão da Associação Lusitanística Alemã, no qual ele combina considerações lingüísticas com propostas políticas no âmbito de uma proposta pessoal de reforma ortográfica. <sup>[20]</sup> Termino assim esta modesta contribuição "meta-lingüística" no desejo de ter servido à língua portuguesa como *uma das línguas globais* importantes do mundo atual.

---

[1] Exemplo que devo às lições de lingüística românica do meu (finado) professor acadêmico Klaus Heger.

[2] Emissora que foi criticada, aliás, severamente pela falta de programação específica no domínio da pedagogia do português por José Carlos de Vasconcelos no JL (Jornal de Letras, Lisboa) do 12 de Junho de 2002, p. 2. O diretor do JL chama a atenção à uma iniciativa política do PCP na Assembléia da República a favor da “criação de um programa de expansão e qualificação do Ensino da Língua e da Cultura portuguesa no estrangeiro”.

[3] No dia 8 de dezembro de 2001, 7h30-7h47 – hora de Lisboa.

[4] SCOTTI-ROSSIN, Michael. Die portugiesische sprache im jahrhundert. In: BRIESEMEITER, D. e SCHÖNBERGER, A. (Orgs). *Portugal heute, politik-wirtschaft-kultur*. Frankfurt/Main: Verveurt, 1997. p. 321.

[5] Idem. p. 323.

[6] LÜDTKE, Helmut (Ed.). *Kommunikationstheoretische grundlagen des sprachwandels*. Berlin: [s.e.], 1980.

[7] ROSA, Luciano Caetano da. Português: língua de um só rosto – língua do CPL. / Proposta de simplificação da ortografia da língua portuguesa. *Lusorama*, n. 49, p. 6-52, mar. 2002.

[8] Com esta noção de ‘difícil’ transpõem-se para a língua estruturas tipicamente individuais ou interindividuais. Isto pode advir de experiências individuais baseadas no contato com a linguagem (escrita) na escola e com a conclusão (que também parece justificada objetivamente) do fato notório que tão poucos estrangeiros falam a nossa língua ou fazem esforços para aprendê-la.

[9] Cf. ACCT = Agence de Coopération Culturelle et Technique.

[10] Por. exemplo para Alemães, ver SCOTTI-ROSIN, op. cit., p. 324.

[11] Como consequência encontramos referências metodológicas que aconselham que Alemães (e talvez falantes de outras *línguas de partida*) aprendam o Português Europeu antes de aprender o Português Brasileiro; ver SCOTTI-ROSIN, op. cit., p. 325.

[12] MATEUS, Maria Helena Mira. A face exposta da língua portuguesa. *Veredas*, Porto, v. 2, n. 3, p.649, 2000.

[13] Idem, p. 651.

[14] Devia falar-se do direito ao emprego da língua principal – e não necessariamente "materna" como se costuma chamar – o que implicaria sem problemas em uma atitude que favorece o emprego receptivo, isto é a compreensão oral e escrita de outras línguas.

[15] HAMMERMÜLLER, Gunther. Sprachnormierung als mittel im überlebenskampf einer okzitanisch-gaskognischen varietät: *Era lengua aranesa. Rostocker beiträge zur sprachwissenschaft*, n. 1, p. 95-107, 1995.

[16] Entre as quais as mulheres talvez tenham mais responsabilidades para o uso interno e externo.

[17] SCOTTI-ROSSIN, op. cit., p. 327.

[18] Idem, ibidem, p. 329 et seq.

[19] Ver todo o domínio da lingüística contrastiva e – especialmente para o português – o projeto de uma gramática contrastiva português/alemão por Jürgen Schmidt-Radefeldt em Rostock/Alemanha.

[20] ROSA, op. cit. p. 6.